

**A NATURALIZAÇÃO DE PRECONCEITOS E ESTEREÓTIPOS:
UMA NARRATIVA ATRAVÉS DE PERSONAGENS DA DISNEY**

**THE NATURALIZATION OF PREJUDICE AND STEREOTYPES:
A NARRATIVE BY DISNEY CHARACTERS**

Amanda Ramos Silva *
Nayara Soares De Oliveira **
Raquel Aparecida Lopes ***

RESUMO

A mídia, em suas variadas formas, simboliza o imaginário coletivo através de seus personagens, com seus credos e composições. Ela representa um forte veículo de valores em vigor, modelando a percepção de seus consumidores acerca dos temas, por ela, representados. No meio da animação, com predominância de público infantil, sua influência está arraigada ao processo de aprendizado, tornando-se ainda mais forte. A existência de personagens que infrarrepresentam minorias em filmes de grande repercussão, com uso de padronização de ocupações e banalização de costumes, foi aqui analisada, com objetivo de entender sua influência na construção de estereótipos e na naturalização de preconceitos através de personagens infantis. Este trabalho pretende repensar os fundamentos do preconceito na sociedade, propondo a análise e desconstrução dos mesmos para melhor estima social e respeito à diversidade.

Palavras-chave: Estereótipo. Personagens. Disney. Preconceito. Minorias.

ABSTRACT

The media, in its several forms, symbolizes the collective imagination through its characters, with its creeds and compositions. It represents a strong vehicle of values in force, shaping the perception of consumers about represented themes. In animation, mostly viewed by children, its influence is rooted in the learning process, making it even stronger. The existence of characters that degrade minorities in famous movies, using the standardization of occupations and trivialization of manners, was analyzed here, with the objective of understanding its influence in the stereotypes construction and the naturalization of prejudices through children's characters. This work intends to rethink the discrimination fundamentals in society, proposing the analysis and deconstruction of such thoughts for better social esteem and diversity respect.

Keywords: Stereotypes. Characters. Disney. Prejudice. Minorities.

* Centro Universitário Belas Artes/SP. amramos@outlook.com.br

** Centro Universitário Belas Artes/SP. oliveira.nayara09@gmail.com

*** Centro Universitário Belas Artes/SP – Insper - Instituto de Ensino e Pesquisa UNIP - Universidade Paulista/SP. stampa12@uol.com.br

Introdução

Desde os primórdios da animação até os dias de hoje, pode-se encontrar representações estereotipadas de minorias em personagens infantis, que mostram e difundem preconceitos raciais, políticos, de gênero e classes. As repetidas atribuições de papéis a determinados grupos sociais como, por exemplo, de protagonistas à homens de biótipo caucasiano, mulheres em papéis frágeis, associação de traços étnicos à determinadas formas de raciocínio e caráter que terminam por modelar, mesmo que subconscientemente, a visão de mundo da coletividade. Segundo pesquisas de Muñiz, Marañón e Saldierna (2014), grupos minoritários são, geralmente, infrarrepresentados e estereotipados na televisão, com atribuição de funções subalternas e ocupações de baixo status, podendo-se notar seus traços anatômicos e atitudinais a definir seus estereótipos.

Este tipo de discriminação encontra-se também nas telenovelas, filmes em live-motion, quadrinhos e diversas outras formas midiáticas, refletindo as diversas formas de pensamento difundidas na sociedade. Muitos clássicos da Walt Disney, como *Fantasia* (1940), *A Pequena Sereia* (1989), *Peter Pan* (1953) e *Aladdin* (1992), que marcaram a infância de todos, possuem essas características intrínsecas a suas histórias, causando uma naturalização de preconceitos.

Seguindo a análise de Serberna (2003, p. 2), com a simbolização e mitificação de crenças, opiniões e interesses contidas nas personagens deste contexto, modela-se e solidifica-se a conduta e a percepção popular sobre os fatos sociais, gerando uma comunidade de sentido e configurando o imaginário social sobre as identidades coletivas. Daí configura-se a importância das fábulas e figuras em âmbito público.

De acordo com Faria e Casotti (2014, p. 388), “os textos culturais, como músicas, filmes e novelas, configuram importantes veículos dos valores e das perspectivas vigentes na sociedade que produz e consome tais produtos”. Visto que o público alvo de grande maioria dos filmes de animação é infantil, a força de manipulação destes é de grande importância.

Não nos enganemos: a imagem que fazemos de outros povos, e de nós mesmos, está associada à História que nos ensinaram quando éramos crianças. Ela nos marca para o resto da vida. Sobre essa representação, que é para cada um de nós uma descoberta do mundo e do passado das sociedades, enxertam-se depois opiniões, ideias fugazes ou duradouras, como um amor... mas permanecem indelévels as marcas das nossas primeiras curiosidades, das nossas primeiras emoções (FERRO, 1983, p. 11).

É possível afirmar que a inserção social de papéis de gênero e a estereotipação de certos grupos étnicos presentes na mídia decorre do estabelecimento da visão etnocêntrica europeia, amplamente difundida no mundo e refletida nas animações, principalmente, a partir do século XIX, com a propagação da fé católica e suas doutrinas, no confronto com a alteridade de outros territórios. “O etnocentrismo imperialista europeu regulou e implantou um modelo de classificação do outro, desta ‘alteridade redescoberta’, conforme os valores do mundo dominante e, também, segundo seus interesses econômicos” (MATHIAS, 2014, p. 36). Como afirmado por Rossini (2001, p. 137-148 apud COSTA; LIA, 2015, p. 1), com a modernidade, a partir dos anos trinta, o cinema transformou-se em “um difusor de ideologias pelos regimes autoritários da Europa, [...] construindo percepções e cumprindo uma função quase pedagógica de educar o espectador sobre a postura e a ideologia corretas a serem seguidas”.

Estabelecido este perfil social imaginário, tão antigo, observamos que a discriminação de papéis midiáticos não apenas expressa uma forma de pensamento antiga, como reforça este tipo de distinção étnico-econômica populacional. As consequências não são apenas nas representatividades das minorias, como em sua inserção na sociedade.

As minorias sociais são coletividades que sofrem processos de estigmatização e discriminação, resultando em diversas formas de desigualdade ou exclusão sociais, mesmo quando constituem a maioria numérica de determinada população. Exemplos incluem negros, indígenas, imigrantes, mulheres, homossexuais, trabalhadores do sexo, idosos, moradores de vilas (ou favelas), portadores de deficiências, obesos, pessoas com certas doenças, moradores de rua e ex-presidiários (MONSMA, 2015, p. 2).

As oportunidades de educação, emprego e moradia são moldadas pelo senso comum já discutido. A partir disto, em âmbito mundial, pode-se estender a abrangência do termo “minorias” aos grupos étnicos e culturais que não se enquadram no perfil caucasiano-ocidental, que são comumente discriminados e dedicados a papéis secundários.

Iniciando uma análise pelos filmes dos estúdios Walt Disney, dissecando seus personagens, encontram-se os preconceitos intrínsecos em sua formação e torna-se evidente sua relação com a fôrma da sociedade atual.

ALADDIN: o imaginário da cultura popular dirigida

Produzido durante a era conhecida como Renascimento da Disney, lançado no Brasil em 1993, foi dirigido por John Musker e Ron Clements. É uma adaptação de um conto árabe "Aladim e a Lâmpada Maravilhosa", presente em As mil e uma noites e, infelizmente, mais um dos exemplos de personagens direcionados às crianças que são carregados de estereótipos negativos, a começar pela música de abertura da animação, *Arabian Nights*, cantada por um mercador, dublado por Robin Williams. A letra original continha versos como “*Where they cut off your ear if they don’t like your face*” (“Onde eles cortam a sua orelha se não gostarem do seu rosto”), que geraram protestos até mesmo do Comitê Anti-discriminação Árabe Americano (ADC), até que fosse finalmente modificada para “*Where it’s flat and immense, and the heat is intense*” (“Onde é plano e imenso, e o calor é intenso”) pelo Estúdio Disney. Em uma postagem de 2009, no site da ADC, *Arab Stereotypes and American Educators*, Candace Lightner, ex-presidente do ADC e fundadora do *Mothers Against Drunk Driving*, expressou seu constrangimento e raiva ao ouvir a letra do tema de abertura de Aladdin enquanto assistia o filme, com esperanças de que esta imagem tão negativa passada não influenciasse o mundo em sua visão do Oriente Médio. Candace também acrescentou que o comitê não foi consultado para a produção do filme para esclarecimento sobre a cultura árabe, ainda após a modificação na música, sua versão original continua a ser divulgada na internet e pode ser encontrada com facilidade numa breve pesquisa. Em sua versão portuguesa, um trecho diz “*Tem belo luar, e orgias demais*”, o que continua banalizando a imagem e cultura do povo.



Figura 1 – Aladdin cercado por dançarinas
Fonte: ©Walt Disney Pictures



Figura 2 – Aladdin novamente cercado por dançarinas
Fonte: ©Walt Disney Pictures

Como ainda constatado na *Arab Stereotypes and American Educators*, a Disney não seria, de maneira alguma, a única ofensora. A cultura popular dirigida às crianças está repleta de imagens sensualizadas de mulheres árabes, representadas como dançarinas do ventre e “garotas de harém”, assim como de homens árabes como violentos e terroristas, “Sheiks” do petróleo, e saqueadores que pertencem a tribos e sequestram mulheres loiras ocidentais. Árabes são frequentemente escalados como vilões em desenhos animados.



Figura 3 – Soldados irritados, perseguindo Aladdin
Fonte: ©Walt Disney Pictures



Figura 4 – Jafar, o vilão
Fonte: ©Walt Disney Pictures

Há outro tipo de estereótipo com grande repercussão sobre o sexo feminino: a mulher oprimida e submissa, reforçada no filme, quando Jasmine se vê obrigada a casar-se com um marido que seria escolhido por seu pai. Não se pode ignorar que, de fato, existem mulheres oprimidas por causa de costumes rígidos, em grande parte ligados à

religião. Mas deve-se também mencionar aquelas que conseguiram fazer a diferença neste meio. Sheikha Mozah é um exemplo do empoderamento feminino. Com 56 anos, é formada em sociologia, possui diversos títulos em universidades norte-americanas, é embaixadora especial da Unesco e ajuda a desenvolver a educação em ensino médio e superior. Criou a fundação Education City, com ações sociais voltadas para a educação infantil, e também a Fundação Árabe Democrática (ADF), onde o objetivo é o fortalecimento dos meios de comunicação livres e das bases da sociedade civil. Esta grande mulher é uma das três esposas do ex-emir (título de nobreza equivalente a príncipe) do Qatar, mas, por si só, tem grande influência na política interna e externa e, por esta razão, trouxe importantes eventos mundiais para o Qatar, como os Jogos Olímpicos de 2022. Além disso, Mozah também possui grande influência no mundo da moda.

Os estereótipos estão diretamente ligados ao preconceito. É comum ver que pessoas vindas do Oriente Médio, utilizando trajés típicos, como a Guthra (tecido que cobre a cabeça do homem árabe) e sua túnica, serem evitados, ou receberem olhares de desconfiança. As piadas e associações de vestimentas étnicas e religiões aos chamados “homens bomba”, são pré-julgamentos discriminatórios e prejudiciais ao convívio social. A forte estereotipação encontrada em personagens, não só infantis, mas no geral, fortalecem estes preconceitos. A falta de real conhecimento da cultura dos países, somada à ficção criada e divulgada em diversos meios midiáticos, e os conflitos entre Estados Unidos e Afeganistão, Israel e Palestina, Irã e Iraque, e guerra no Líbano, tão amplamente noticiados e pouco compreendidos popularmente fortalecem o preconceito e o temor no imaginário social. Há uma forte dissensão entre religião e política. É visível o baixo interesse de alguns governos ocidentais em combater tais estereótipos, uma vez que interesses financeiros e políticos no oriente, pela localização abundante em petróleo, tornam ainda mais lucrativos os conflitos e intervenções das grandes potências. Como dito por Said (2007, p. 32): “A relação entre o Ocidente e o Oriente é uma relação de poder, de dominação, de graus variados de uma complexa hegemonia [...]”.

AS PRINCESAS DA DISNEY: convenções sociais acerca do gênero



Figura 5 – Branca de Neve, Bela Adormecida, Jasmine, Ariel, Bela e Cinderela
Fonte: ©Walt Disney Pictures

Não é difícil identificar, dentre todas as princesas da Disney, um padrão físico e atitudinal. A fragilidade, magreza, romantismo e vaidade são constantemente relacionados à construção do papel social de gênero feminino, no qual são moldadas as personagens, e podem significar imposições e condições prejudiciais. Conforme Heilborn (2002 apud SANTOS, 2010, p. 8), o comportamento esperado de uma pessoa de um determinado sexo é produto das convenções sociais acerca do gênero em um contexto social específico. Nesse pensamento, vale evidenciar que:

Gênero está presente nos processos, práticas, imagens e ideologias, e distribuições de poder em vários setores da vida social. Tomando mais ou menos seu funcionamento geral, as instituições dos Estados Unidos e outras sociedades são organizadas conforme linhas de gênero [...] historicamente desenvolvidas por homens, atualmente dominadas por homens, e simbolicamente interpretadas do ponto de vista masculino em posições de liderança, tanto no presente quanto na história (WHARTON, 2005, p. 87, tradução nossa).

Uma pesquisa feita na universidade de Brigham Young envolvendo 198 crianças em idade pré-escolar demonstrou que a exposição das mesmas a este tipo de conteúdo pode torná-las mais susceptíveis a adotar condutas condizentes ao estereótipo do gênero. Tais comportamentos, para meninas, podem significar grandes limitações em sua vida à longo termo. Segundo os estudos de Coyne et al (2016, p. 1-17), garotas que aderem profundamente aos estereótipos de gênero femininos são condicionadas a excluir-se de certos tipos de atividades por sentir que não devem praticá-las; elas não costumam ter confiança em matérias da área de exatas, como ciência e matemática, e evitam sujar-se, tornando-se menos propensas a vivenciar e experimentar coisas. Ainda no estudo, Coyne afirma que meninas de mais baixa autoestima corporal se envolvem mais com as princesas da Disney ao longo do tempo, que representam os primeiros exemplos (para crianças de três a quatro anos) do ideal de magreza imposto durante toda a vida.

PETER PAN: configurações e estereótipias na eterna terra do nunca

O sucesso de bilheteria da Walt Disney nos anos de 1953 arrecadou \$87,404,651, segundo o site Box Office Mojo. O filme, baseado na peça teatral *Peter and Wendy* do autor escocês James Matthew Barrie, é um exemplo claro da distribuição de papéis por estereótipos. A animação apresenta Peter Pan como protagonista, um encantador, talentoso e esperto garoto que se recusa a crescer e que vive na Terra do Nunca com os Garotos Perdidos, trazendo consigo Wendy e seus irmãos, vindos de Londres. O notável contraste físico e atitudinal entre os mencionados (todos brancos) se dá ao aparecimento de indígenas, nativos do lugar, que são retratados como selvagens e bobos, comparados aos meninos ingleses que protagonizam a história.



Figura 2 – Wendy e a tribo “Injun”. Peter Pan (1953)
Fonte: ©Walt Disney Pictures

Como descrito pelo jornal *The New York Times* em 1905, “Mr. Barrie apresenta não o pirata ou índio de ficção adulta, mas criações vistas pelos olhos infantis”. Tal afirmação serviria para explicar que tais personagens soavam caricaturados ao público, mesmo no início do século XX.

Nos diálogos do filme, o menino John (irmão de Wendy) ensina aos Garotos Perdidos, durante uma caçada recreativa à tribo Injun, dizendo “Índios! Oh, Tribo Pé-Preto. Pertencem ao grupo Algonquin. Bem selvagens, sabe. [...] Agora, lembrem-se: O índio é astuto, mas não inteligente. Portanto, nós apenas os rodeamos e pegamos de surpresa”.

Ainda reforçando o rebaixamento e estereotipação de nativos, a música *What Makes The Red Man Red?*, na qual a tribo canta sua história enquanto fuma seu cachimbo da paz, é ensinado que os “pele-vermelhas”, como chamados os índios, adquiriram seu tom de pele após o primeiro príncipe Injun beijar uma serva e começar a corar. Durante a música, palavras como “hau” (que significam “olá” em Lakota) são usadas em trocadilhos devido à semelhança fonética com a pergunta “how?” (“como” em inglês)

para constatar a falta de entendimento dos índios, utilizando-se de coros com palavras sem significado e interjeições, reduzindo as línguas indígenas e suas semânticas à meros sons sem nexos, de acordo com Gannon (2006).

Também na versão original na peça, *Peter and Wenay* (1911), o termo “pickaninny”, ou “picaninny”, uma antiga (e racista) referência às crianças negras caricaturadas de forma quase selvagem, sem intelecto, magras, desordeiras, sem cuidados familiares e com o único propósito de entreter aos brancos, era também utilizado para chamar a tribo, generalizando todos os povos de matizes não caucasianas, desde tribos aborígenes à africanas. Picaninnies, palavra vinda dos portugueses comerciantes de escravos que chamavam as crianças traficadas de “pequeninas”, era um tipo de blackface infantil, que servia como humor em livros e em festas de brancos e ridicularização de pessoas negras entre os anos de 1852-1950, quando a escravidão e a segregação racial dominavam e dividiam a sociedade por cor, principalmente nos Estados Unidos, com a abolição da escravatura e a guerra civil. Neste tipo de performance, os atores, geralmente brancos, apresentavam-se pintados de preto, grandes lábios vermelhos, vestindo trapos e fazendo trapalhadas, a dizer que estes seriam modos “tipicamente” negros. As apresentações do *blackface* norte americano, que tentam caricaturar e menosprezar a população negra, podem ainda ser vistas na mídia por todo o mundo, nos dias de hoje, como uma expressão profunda de desrespeito.

Considerações Finais

Os impactos da mídia em seus telespectadores são reais. Existem opções de filmes que oferecem aventura, diversão e aprendizado de forma desconstruída, sem caricaturas e estereotipações. O questionamento e estudo sobre culturas, identidade de gênero e história são essenciais para identificar as raízes e mensagens passadas por cada personagem. Evitar filmes com representações tendenciosas pode ser difícil, por isso, não é necessário afastar as crianças completamente dos mesmos. É necessário que, ao assisti-los, haja um diálogo e análise sobre os personagens do filme, para evidenciar seus pontos positivos e negativos, incentivando melhor compreensão da influência da mídia, preconceitos e seus efeitos na sociedade.

Referências

- ABAGOND, J. **The piccaninny stereotype**. 2010. Disponível em: <<https://abagond.wordpress.com/2010/08/06/the-piccaninny-stereotype/>> Acesso em: 3 jul. 2016.
- BOX Office Mojo. **Peter Pan**. Disponível em: <<http://www.boxofficemojo.com/movies/?id=peterpan.htm>> Acesso em: 3 de jul. 2016.
- COYNE, S. M. et al. Pretty as a Princess: Longitudinal Effects of Engagement With Disney Princesses on Gender Stereotypes, Body Esteem, and Prosocial Behavior in Children. **Children Development Journal of Adolescent Health**, Brigham Young University, 2016. p. 1-17.
- FARIA, M. D.; CASOTTI, L. M. Representações e estereótipos das pessoas com deficiência como consumidoras: o drama dos personagens com deficiência em telenovelas brasileiras. **O&S**, Salvador, v. 21, n. 70, p. 387-404, jul./set. 2014.
- FERRO, M. **A manipulação da história no ensino e nos meios de comunicação**. São Paulo: Ibrasa, 1983.
- FINKE, C. Z. Beyond Classic Disney: 5 Great Animated Kids' Films Without the Racial Stereotypes. **Yes! Magazine**. 2014. Disponível em: <<http://www.yesmagazine.org/happiness/beyond-classic-disney-five-great-animated-kids-films-without-racial-stereotypes>> Acesso em: 3 jul. 2016.
- GANNON, T. C. **Great “Indian” Moments in Pop Culture**. University of Nebraska-Lincoln. 2006. Disponível em: <<http://incolor.inebraska.com/tgannon/GreatIndian50.html>> Acesso em: 5 jul. 2016.
- JARDIM, S. **Reconhecendo estereótipos racistas internacionais**. 2016. Disponível em: <<https://medium.com/@suzanejardim/alguns-estere%C3%B3tipos-racistas-internacionais-c7c7bfe3dbf6#.94azzjmoy>> Acesso em: 5 jul. 2016.
- LASKOW, S. The Racist History of Peter Pan's Indian Tribe. **Revista Smithsonian**. dez. 2014. Disponível em: <<http://www.smithsonianmag.com/arts-culture/racist-history-peter-pan-indian-tribe-180953500/#DZ0XpUHt1Ov6Idsc.99>>. Acesso em: 4 jul. 2016.
- MATHIAS, R. **Antropologia e Arte**. São Paulo: Editora Claridade, 2014. (Coleção Saber de Tudo).
- MONSMA, K. James C. Scott e a resistência cotidiana no campo: uma avaliação crítica. **BIB**, Rio de Janeiro, n. 49, p. 95-121, 2000.
- MUÑIZ, C.; MARAÑÓN, F.; SALDIERNA, A. R. ¿Retratando la realidad? Análisis de los estereotipos de los indígenas presentes en los programas de ficción de la televisión mexicana. **Palabra Clave**, v. 17, n.2, p. 263-293, jun. 2014.
- ROSSINI, M. de S. Cinema e história: uma abordagem historiográfica. In: ALTMANN, W. (Ed.). **História Unisinos**. São Leopoldo: Unisinos, 2001. p. 137-148.

SAID, E. **Orientalismo**: oriente como invenção do ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SANTOS, J. A. Igualdade de gênero em alcance: considerações para o estabelecimento de novas relações sociais. **Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, Ano I, n. 1, fev. 2007.

SERBENA, C. A. Imaginário, ideologia e representação social. **Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas**, Florianópolis, v. 4, n. 52, p. 2-13, jan. 2003.

WHARTON, A. Gender in interactions and institutions. In: WHARTON, A. S. **The sociology of gender**: an introduction to theory and research. Oxford: Blackwell, 2005. p. 87.

WINGFIELD, M.; KARAMAN, B. **Arab Stereotypes and American Educators**. 1995. Disponível em: <<http://www.adc.org/2009/11/arab-stereotypes-and-american-educators/>>. Acesso em: 9 jul. 2016.